



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

INÁCIO KAVINDA

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM MUSEU NO REINO DE TCHIYAKA, COMO
FORMA DE DIVULGAÇÃO DA CULTURAL NO MUNICÍPIO DO TCHINJENJE.**

CAÁLA-2023

INÁCIO KAVINDA

RELATÓRIO FINAL DP PFC - COMUNA

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Departamento de Ensino e Investigação, como requisito parcial à obtenção de grau de Licenciatura, no curso de História do Instituto Superior Politécnico da Caála.

Orientador: Oseias Rigoberto Balu.

CAÁLA- 2023

Dedico este trabalho de Fim do curso para os meus familiares que directa ou indirectamente apoiaram-me para que esta formação fosse um facto no seio da família, sobretudo aos meus 2 filhos caçulas (Tonízio e Aguinízio).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, saúde, cuidado, que me protegeu este percurso de 4 anos de formação percorrendo aproximadamente 300 km da Ganda à Caála e vice-versa, durante o período das aulas.

Estendo também os agradecimentos as minhas famílias pelo apoio, mesmo diante dos problemas aconselharam-me a seguir em frente com a formação.

Ao Coordenador do Curso de História, o Professor Anacleto Muecalia, que nos momentos de turbulência aconselhou-me a seguir em frente quando eu mais precisava. Outrossim, quero endereçar os meus agradecimentos aos meus queridos professores, que desde o I Ano até ao IV, sempre souberam agir com sabedoria.

Aos meus colegas que juntos partilhamos momentos, conhecimentos e forjamos laços de amizade durante este percurso académico.

RESUMO

O presente trabalho, intitulado: “ Proposta de criação de um Museu no Reino de Tchiyaka, como forma de divulgação da Cultura No Município do Tchinnenje, descreve através de um processo investigativo, por meio de consultas bibliográficas, questionários e entrevistas, a importância da construção de um museu para o engrandecimento da cultura, história de um povo.

A metodologia usada permitiu saber também a importância da existência de um museu no Reino de Tchiyaka, já que pouco se fala sobre o assunto quer seja na população, como no meio científico.

As análises ao inquérito feito mostrou que pouca gente sabe sobre o Reino de Tchiyaka, porém neste trabalho é descrito de forma resumida a história da temática em estudo e como a construção de um museu pode ajudar no desenvolvimento da cultura local e nos reinos fronteiriços.

Palavras-chaves: Museu; Cultura; Reino

ABSTRACT

The present work, entitled: " Proposal for the creation of a Museum in the Kingdom of Tchiyaka, as a way of disseminating Culture in the Municipality of Tchinjenje, describes through an investigative process, through bibliographical consultations, questionnaires and interviews, the importance of the construction of a museum for the enhancement of culture, history of a people. The methodology used also allowed knowing the importance of the existence of a museum in the Kingdom of Tchiyaka, since little is said about the subject either in the population or in the scientific environment.

The analysis of the survey carried out showed that few people know about the Kingdom of Tchiyaka, but this work briefly describes the history of the subject under study and how the construction of a museum can help in the development of the local culture and in the border kingdoms.

Keywords: Museum; Culture; Kingdom

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 1.1 | DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA | 13 |
| 1.2 | PROBLEMA CIENTÍFICO | 13 |
| 1.3 | OBJECTIVOS | 13 |
| 1.4 | CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO | 13 |
| 1.5 | CONSIDERAÇÕES ÉTICAS | 14 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- EMPÍRICA | 15 |
| 2.1 | BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA DO CONCEITO DE MUSEU. | 15 |
| 2.2 | MUSEOLOGIA | 17 |
| 2.3 | EDUCAÇÃO NOS MUSEUS | 18 |
| 2.4 | CONCEITO DE EDUCAÇÃO | 20 |
| 2.5 | PAPEL EDUCATIVO DOS MUSEUS | 20 |
| 2.6 | RELAÇÃO MUSEU ESCOLA | 21 |
| 2.7 | RELAÇÃO MUSEU COMUNIDADE | 23 |
| 2.8 | IMPORTÂNCIA DO MUSEU NA CONSERVAÇÃO DOS ACERVOS | 24 |
| 2.9 | IMPACTO DO MUSEU NA ECONOMIA LOCAL | 24 |
| 2.10 | TIPOS DE MUSEUS | 26 |
| 2.11 | O PAPEL DOS MUSEUS E UNIVERSIDADES NA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DA CULTURA.... | 27 |
| 2.12 | A IMPORTÂNCIA DOS MUSEUS PARA A FORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL | 27 |
| 2.13 | 1.13.MUSEUS EM ANGOLA E SUA IMPORTÂNCIA NA DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA ANGOLANA | 28 |
| 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 31 |
| 3.1 | PRELIMINARES DA INVESTIGAÇÃO | 31 |
| 3.2 | TIPO DE INVESTIGAÇÃO | 31 |
| 3.3 | CARACTERIZAÇÃO DO REINO DE TCHIYAKA | 31 |
| 3.4 | POPULAÇÃO E AMOSTRA | 32 |
| 3.5 | AMOSTRA | 32 |
| 3.6 | 2.6. TABELA 1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA | 32 |

| | | |
|----------|---|-----------|
| 4 | DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS..... | 34 |
| 5 | PROPOSTA DE SOLUÇÃO..... | 36 |
| 6 | CONCLUSÕES | 37 |
| | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 38 |
| 7 | APÊNDICE | 41 |

ÍNDICE DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

ICOM (International Coucil of Museums “ Conselho Internacional dos Museus”)

ENDIAMA (Empresa Nacional de Prospecção, Exploração, Palidação e Comercialização de Diamantes de Angola)

DIAMANG (Companhia de Diamantes de Angola)

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1. Museus em Angola..... | 30 |
| Tabela 2. Caracterização da amostra..... | 32 |
| Tabela 3. Questão 1..... | 34 |
| Tabela 4. Questão 2..... | 34 |
| Tabela 5. Questão 3..... | 34 |
| Tabela 6. Questão 4..... | 35 |
| Tabela 7. Questão 5..... | 35 |
| Tabela 8. Questão 6..... | 35 |
| Tabela 9. Questão 7..... | 35 |

ÍNDICE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Representantes da Corte do Reino de Tchiyaka | 41 |
| Figura 2. Local de Reuniã(Ondjango) no Reino de Tchiyaka | 42 |
| Figura 3. Soberano do Reino de Tchiyaka | 42 |
| Figura 4. Membros do Conselho do Reino de Tchiyaka | 43 |

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de preservação do patrimônio histórico e cultural enseja questionamentos relevantes, como por exemplo, de quem é a responsabilidade por manter preservado o patrimônio cultural? Quais são os meios e formas disponíveis para tornar-se um imóvel como integrante do patrimônio cultural? Quem e o que define o que deve fazer parte do patrimônio cultural? Qual a legislação que regulamenta a proteção a esses bens? São várias as questões com relação a esta temática.

Segundo Flores e Boch (2010) a preservação é o meio ambiente histórico e cultural de uma localidade, comunidade, cidade, região deve ser incentivada na atual sociedade - independentemente da evolução da sociedade frente à globalização ou frente ao mercado de consumo descontrolado - através de políticas públicas que visem manter viva a história e identidade de seu povo colonizador, no intuito de evitar dissipar a geração antecedente. E nos ordenamentos jurídicos Angolanos a Lei Prevê a proteção, preservação e a divulgação destes bens culturais e histórico.

A metodologia de investigação utilizada para se chegar aos resultados pretendidos é de caractere descritivo que segundo Minayo (2001), diz que este tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

E como método para obtenção ou coleta de dados utilizou-se num primeiro momento a pesquisa bibliográfica, e documental, depois para a verificação da realidade outra obra analisada por estes dois métodos de pesquisa, efetuou-se outra que é a pesquisa de campo ao Reino de Tchiyaka, nesta para a coleta de dados fez-se uma entrevista semiestruturada com base a um questionário pré-elaborado aos cidadãos e alguns moradores na comuna da Tchyaka, estes forneceram as informações necessárias para pudermos assim fazer a análise e aplicar a temática em estudo .

1.1 Descrição da situação problemática

A divulgação da cultura local e também promover o fomento económico por meio do conhecimento dos hábitos, costumes e tradições do Reino de Tchiyaka, levou o autor a defender o tema: Criação de um museu como forma de divulgação da cultura do Reino de Tchiyaka no Município do Tchinjenje.

1.2 Problema Científico

Que procedimentos metodológicos devem ser utilizados para a correcta implementação de um museu no Reino da Tchiyaka, Município do Tchinjenje?

O objecto de estudo da pesquisa é: A construção de um museu no Reino da Tchiyaka.

1.3 Objectivos

Assim como também se definiu o seguinte objectivo geral:

Criar um museu no Reino da Tchiyaka, Município do Tchinjenje, na Província do Huambo.

Em correspondência com o problema científico e tendo em conta o objectivo da investigação, foram seleccionados os seguintes **objectivos específicos**:

- 1) Elaborar a fundamentação teórica sobre a temática em estudo.
- 2) Fundamentar através de diagnósticos as dificuldades que se apresenta para a construção de um museu no Reino da Tchiyaka.
- 3) Elaborar procedimentos metodológicos para um melhor desenvolvimento no processo da valorização dos museus e outros acervos, elevando a grandeza do Reino da Tchiyaka.

1.4 Contribuição do trabalho

O presente trabalho visa contribuir na divulgação da cultura do Reino de Chiyaka, através da representação da sua história, sua glória. A construção de um museu no Reino de Tchiyaka contribuirá grandemente para a massificação da economia local, conhecer o Reino, seus soberanos, sua constituição histórica, importância para a educação da sociedade no que tange aos aspectos culturais do povo do Tchinjenje e nas áreas que fazem fronteiras ao Reino de Tchiyaka.

Outrossim queremos com esta temática fomentar, trazer a comunidade académica conhecimento sobre o Reino em estudo, já que pouco se fala sobre ele, quer no fórum académico como na própria comunidade no geral.

Sabendo que os museus são uma grande fonte de conhecimentos sobre a história, queremos com este projecto dar valor a história do Reino de Tchiyaka e a nível nacional de forma generalizada.

As gerações futuras precisam assim estar a par do passado vívido para que não se percam em fundamentos vãs sobre um povo sem história.

1.5 Considerações éticas.

O trabalho está estruturado em três capítulos:

No primeiro capítulo expõem-se os fundamentos teóricos sobre o conceito de museus, sua história, relação com a educação e sua importância no mundo académico bem como seu papel na conservação e autenticidade na história de Angola.

No segundo capítulo é abordado a metodologia usada para diagnosticar o problema, desenvolvimento das pesquisas e se fazem as propostas para contribuir na solução do problema investigado.

No terceiro capítulo faz-se uma análise dos resultados a pesquisa feita sobre a temática em estudo, analisam-se os prós e contras sobre a temática à população inquerida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO- EMPÍRICA

2.1 Breve perspectiva histórica do conceito de museu.

O museu teve na Grécia Antiga a sua origem, onde núcleos museológicos foram construídos para abrigar os tesouros dos templos, devido o acúmulo dos ex-votos.

O conceito actual que temos por museu é o de um determinado local onde se expõe ao público, de modo ordenada e selecionada, coleções de objetos científicos, históricos, arqueológicos, etnográficos, de artes, entre outros.

Tais exposições teriam um carácter unicamente de estudo dessas coleções. Todavia, é interessante que façamos uma referência dos museus através da História, como forma de compreender a sua evolução e os paradigmas que tal fenómeno atravessou.

A ideia e o entendimento recorrentes do que pode ser um museu estão intrinsecamente associados à sua cadeia operatória, compreendida na conjugação da tríade objeto, coleção e exposição.

No Egito, tesouros acumulados pelos Faraós eram depositados em suas câmaras mortuárias, cuja crença é a de que serviriam para acompanhá- los durante a sua passagem à eternidade. Muitos desses tesouros, hoje, tornaram-se acessíveis em coleções egípcias de diversos museus. Os egípcios também manifestaram a posse de objetos, reunidos com a finalidade de se tornarem um espaço de estudo, discutindo saberes mitológicos, religiosos, geográficos, etc.

O homem desde a Pré-história reunia e produzia artefatos de acordo com as suas necessidades e associações pessoais ou coletivas. Tais indícios foram percebidos em escavações arqueológicas junto às câmaras funerárias daquele período. Já no século II a.C. há sinais, na Mesopotâmia, do surgimento de locais que abrigavam cópias de antigas inscrições, reproduzidas para uso educativo nas escolas daquele tempo.

O museu tem o seu sentido de gênese no mouseion grego, termo usado antes do século V a.C.; local destinado às ‘musas’ e que na mitologia grega eram as nove filhas de Zeus com Mnemosine, a divindade da memória. O mouseion era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado, sobretudo para o saber filosófico; local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianas, poderia se

dedicar às artes e às ciências. As obras expostas no mouseion existiam mais em função de agradar as divindades do que para serem contempladas pelo homem.

Ao lado do mouseion encontravam-se espaços denominados thesaurus, onde se abrigavam ex-votos que eram trazidos em devoção às divindades. O museu teve na Grécia Antiga a sua origem, onde núcleos museológicos foram construídos para abrigar os tesouros dos templos, devido o acúmulo de ex-votos. Os tesouros eram, então, analisados pelos sacerdotes, que realizavam a triagem, a classificação, o controle e a segurança desses objetos.

Em Roma ocorreu o mesmo que na Grécia Antiga, porém não exclusivamente nos templos. Os objetos eram depositados nos fóruns, jardins, banhos públicos e nos teatros. As famílias também adquiriam e conservavam em suas casas quadros e estátuas que resultavam em valiosas coleções.

Em Alexandria, durante o século II a.C., o termo mouseion foi utilizado pela primeira vez para denominar um espaço destinado ao saber enciclopédico. Os objetos artísticos e as obras de arte eram recolhidas em templos, santuários e tumbas. O local era, sobretudo, um espaço para a discussão e o ensinamento do saber nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia, geografia e demais áreas do conhecimento que se tinham à época, configurando-se, numa compilação entre as áreas do conhecimento.

Tratava-se de um edifício consagrado às musas e por onde circulavam os mais distintos artistas, sábios e filósofos. Era neste museu que se localizava a famosa Biblioteca de Alexandria e que posteriormente foi incendiada.

“O mouseion de Alexandria foi, nesse âmbito, o protótipo do museu da Antiguidade e o reflexo de uma filosofia universalista, conjugando e superpondo as funções e a estreita união entre arquivo, biblioteca e museu”

(CHAGAS, 1998, p. 19).

Durante a Idade Média as igrejas e catedrais se converteram em autênticos museus, onde se depositavam manuscritos, estátuas, joias e relíquias sagradas. Cada igreja, apesar de ser um lugar de culto, oferecia assim ao olhar do público uma quantidade de objetos, que configuravam verdadeiras coleções empregando os objetos com uma intenção pedagógica e um caráter moral.

É durante esse período que a Igreja financia artistas para a confecção de obras de arte e que ainda hoje configuram em grandes obras-primas da humanidade.

Durante o Renascimento, surgiram coleções privadas – denominadas por coleções reais e principescas – como forma de demonstração de requinte e símbolo de poder econômico das famílias principescas, servindo como verdadeiro termômetro das rivalidades entre elas. O colecionismo tornou-se moda em toda a Europa.

Foi durante o período do Renascimento que o conceito de museu começou a mudar. O redescobrimento das culturas clássicas grega e romana se configurou numa nova dimensão ao colecionismo de objetos de arte. Importantes coleções desta época foram as dos Médici, família nobre italiana, que financiava importantes obras e artistas.

Contratado pelos Médici, o artista e arquiteto Vasari introduziu o novo conceito de museu, enquanto local de caráter científico que até hoje possui, propondo estudos sistemáticos e estilos de artistas. Vasari foi o arquiteto responsável pelo projeto da Galeria de Uffizi (galeria de ofícios) – um dos mais antigos e famosos museus do mundo.

Na metade do Século XVIII surgiram as primeiras coleções públicas, onde várias coleções privadas passaram às mãos dos Estados. O governo francês começou a admitir que o público visitasse uma coleção de aproximadamente 100 quadros expostos nos Palácio de Luxemburgo, em Paris.

Gradativamente, entre os séculos XVIII e XIX os Gabinetes de Curiosidades foram desaparecendo, sendo substituídos por instituições oficiais e coleções privadas. Os objetos que eram considerados mais interessantes foram transferidos para museus de artes e de história natural que começavam a ser fundados, viabilizando o acesso do público às coleções, anteriormente reservadas a poucos, e marcando o surgimento dos grandes museus nacionais.

2.2 Museologia

Através da história dos museus é possível de se traçar um panorama do contexto social e desenvolvimento histórico desse fenômeno. Um museu, deve, portanto, mostrar os laços históricos que unem nosso passado arqueológico com o nosso tempo. Caso contrário, dificilmente permitirá

que tenhamos um conhecimento desse passado como uma forma de melhor compreender e transformar do nosso presente.

Todos os museus têm uma sustentação ideológica expressada na seleção dos seus acervos, na sua estrutura institucional e na sua organização. Por outro lado, os visitantes dos museus devem ser pensados como seres ativos e interativos e que assumem uma atitude ativa perante a proposta do museu. Cada visitante interpreta a mensagem expositiva de maneira diferente, construindo sua própria visão em função das suas expectativas, interesses e competências prévias, ou seja: o visitante interpreta os conteúdos a partir da sua relação com o espaço.

A Museologia é a ciência que trata dos museus, especialmente no que se refere a sua organização e funcionamento.

Há de se observar uma distinta definição entre os termos Museologia e museografia. Enquanto a primeira, em seu sentido mais amplo, trata do “pensar-se o museu” o segundo seria “fazer-se o museu”.

A Museologia pode ser considerada uma disciplina contemporânea por ter se instituído principalmente a partir da segunda metade do século XX e que era entendida, inicialmente, como um ramo do conhecimento voltado para os objetivos e organização dos museus.

O termo Museologia significa, literalmente, “a ciência do museu” enquanto a museografia trata da “descrição de museu”; ou seja, a museografia se caracteriza pelos estudos e a fruição das coleções, construindo uma narrativa, conceitual e contextual, que se apresenta e se dispõe ao deleite do público.

“Enquanto a Museologia se trata de uma disciplina que se volta desde a teoria até as práticas no museu, a museografia seria usualmente aplicada para designar a arte (ou técnicas) de exposição do museu. Seria possível alinhar a ideia de que ambas se complementam mutuamente”,

BAUER, Jonei Eger (2014).

2.3 Educação nos museus

“Os espaços não formais de educação podem ser entendidos como locais em que há possibilidade de ocorrer uma prática educativa. Duas categorias podem ser interpretadas para caracterizar esses espaços: Espaços Institucionalizados e Espaços Não-Institucionalizados”

(JACOBUCCI, 2008).

Os museus têm um papel educativo significativo. Pois que fornecem uma variedade de programas educacionais para todas as idades, como visitas guiadas.

Estas iniciativas ajudam a promover a aprendizagem fora das salas de aulas tradicionais, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico.

Os museus também desempenham um papel crucial na educação da criança, fornecendo experiências interativas que complementam o currículo escolar.

Educar foi uma tarefa colocada para os museus desde suas origens. Guardar registros do passado, preservá-los para as gerações futuras, evitar o esquecimento são objetivos intrínsecos aos museus, sejam públicos ou privados, e guardam uma perspectiva de formação e orientação. Tais propósitos educativos, evidentemente, não são neutros e estão ligados aos interesses do Estado, em suas diferentes esferas públicas de atuação, ou de particulares, igualmente engajados em narrar seu passado.

No passado, a aproximação entre museu e escola contribuiu para que muitas instituições museológicas superassem certo ostracismo, colocando-as como auxiliares ao ensino, alinhadas aos conteúdos escolares; todavia, os novos tempos traziam novas demandas. Era preciso “desescolarizar” os museus, sem deixar de atender professores e alunos, mas atraindo também outros setores sociais (LOPES, 1991). O papel dos serviços educativos em museus foi se reconfigurando e novos conceitos e propostas surgiram.

Os museus não são instituições paradas no passado. Ao contrário, estão sempre evoluindo. Neste processo, já faz algum tempo que sua dimensão educacional vem sendo cada vez mais reconhecida e valorizada. No entanto, a educação nos museus não acontece da mesma forma que nas escolas. Assim, dizemos que **museus são espaços de educação não formal** (GOHN, 2006)

2.4 Conceito de Educação

A educação e cultura são os processos fundamentais da formação intelectual própria dos indivíduos. O termo educação, de modo geral, é entendido como transmissão e aprendizado de técnicas (produção, uso, comportamento, conduta) que correspondem à cultura de um grupo social. Por meio destas técnicas os seres humanos de diferentes culturas são capazes de satisfazer suas necessidades, se proteger das adversidades (físicas, biológicas e ambientais) e de produzir coisas e se relacionar entre si e em conjunto, por meio de configurações mais ou menos ordenadas.

“A educação é um conceito indispensável uma vez que é um fenômeno que ocorre em todas as formas da sociedade humana em diferentes formas de complexidade, cuja sobrevivência depende da transmissão de suas culturas específicas de geração para geração”, (GOHN, 2006)

Nesse processo a educação não só cumpre a tarefa dessa transmissão entre os indivíduos, mas também da correção e aperfeiçoamento das técnicas culturais produzidas. A cada necessidade enfrentada pelos seres humanos, seja para manter a sobrevivência ou superar desafios relativos à explicação para suas existências, ao conhecimento daquilo que os rodeia e ao encontro com situações novas e de mudança, eles se preparam para corrigir e tornar mais apropriadas as técnicas de que dispõem.

2.5 Papel educativo dos museus

Os museus apresentam grandes contribuições para a formação docente no âmbito não formal, mas nem sempre são contemplados nas matrizes curriculares (de modo obrigatório) dos cursos que formam professores. Os espaços museológicos buscam responder ao que podemos chamar de uma nova responsabilidade social, por meio de uma crescente profissionalização dos serviços oferecidos aos seus diferentes públicos, inclusive aos professores em formação (BRANDÃO; LANDIM, 2011).

A demanda por melhorias na formação inicial do professor sempre existiu, acrescentando, por exemplo, novas estratégias de ensino (como a visita aos museus), na expectativa de que

diretamente ou indiretamente a escola ampliasse suas possibilidades educacionais e melhorasse a sua qualidade (PUGLIESE, 2015).

As visitas aos museus podem contribuir para a formação de professores, tanto inicial quanto continuada possibilitando diferentes experiências (afetivas, envolventes e motivadoras) (GAREAU; GUO, 2012). Entretanto, para que essas experiências sejam de fato produtivas, segundo Gareau e Guo (2012), é necessário seguir determinados passos: por parte dos museus, as exposições devem ser atrativas e interativas, precisam ter sido pensadas por professores e educadores de museus e, para a escola, é necessário que haja planejamento prévio à visita (considerando a elaboração de atividades pré-visita e pós-visita).

2.6 Relação museu escola

Os museus são considerados locais de educação não formal, pois mesmo não apresentando as características da educação formal, o seu trabalho educativo apresenta um planejamento definido, além de possuir objetivos claros de aprendizagem.

A educação formal é a praticada na escola. Logo, considera-se não formal, ou informal, a que ocorre fora do sistema escolar. Embora organizado, o processo da aprendizagem informal não avalia formalmente o aluno e não depende de matriz curricular preestabelecida.

A educação não formal tem como objetivo resgatar de forma efetiva, valores essenciais para a formação de cidadãos protagonistas de sua própria vida, trazendo para eles a prática da cidadania, apreensão social, profissionalização, reforço escolar, dimensão sociocultural, entre outros. O profissional da educação que trabalha espaços não formais deve estar ciente da importância de proporcionar conhecimentos que levem a população a uma melhoria em sua qualidade de vida e autoestima, capacitando-os para sua atuação nos mais diversos espaços na sociedade. (TOZETTO; ROMANIW; MORAIS, 2011, p. 5).

Portanto, os museus são espaços onde é possível ocorrer a educação não formal, porquanto há educadores nesses lugares.

Segundo Maria Feio (2014), a partir da década de 1960 o museu começou a ser ambiente de contato direto com a obra museológica e de aprendizagem. A ideia tradicional de museu como local de preservação do patrimônio cultural e de memórias frequentado principalmente por especialistas cedeu espaço a um de lugar que acompanha mudanças da sociedade. Feio (2014) destaca três funções dos museus ao longo do século XX:

“1. Na década de 1920, o museu tinha a função de amparar o patrimônio cultural e consolidar o estatuto profissional de conservador;

2. Surge o reconhecimento da atuação do museu com características variadas e peculiares;

3. A partir da década de 1980, destaca-se o papel educativo dos museus.”

Daniel Ovigli (2015) diz que a relação museu-escola envolve diversos fatores, tais como:

- Organizacionais: deslocamento, delineamento da visita para os alunos e eleição das atividades;
- Pessoais: assentimento dos pais para a visita e disponibilidade de um professor acompanhante;
- Institucionais: agendamento, disponibilidade, espaço físico e agenda escolar.

As visitas escolares aos museus contribuem para aquisição e consolidação de conhecimentos, bem como com a interdisciplinaridade e o enriquecimento pessoal a partir da contemplação, da reflexão, da interpretação, da produção e criação artísticas, além da valorização do patrimônio (FEIO, 2014). Em um espaço não formal como um museu, e com um trabalho conjunto entre os educadores envolvidos, percebe-se ser possível a aprendizagem significativa. É imprescindível pensar ações que efetivem a parceria entre educação formal e não formal.

Pois, além de ampliar as possibilidades e estratégias didáticas do professor, promovem grandes benefícios ao processo de aprendizagem.

A colaboração entre museu e escola tem valor também inclusivo. Segundo pesquisa desenvolvida pela Harvard Family Research Project (“Projeto de pesquisa da família de Harvard”), em 2007, crianças economicamente desfavorecidas são menos propensas a ter oportunidades de visitar museus e galerias. Tal desigualdade prejudica substancialmente sua aprendizagem.

Felizmente, há um crescimento de projetos para jovens e famílias de comunidades carentes se envolverem em atividades extracurriculares. Conforme a Harvard Family Research Project, programas antes e depois da escola aumentam, inclusive, a renda familiar, principalmente entre jovens de baixa renda.

Para evitar a perda do sentido pedagógico da excursão é importante que as escolas planejem cuidadosamente o evento nesse aspecto. Ou seja, além do agendamento, devem preparar intelectualmente seus alunos, contextualizar o acontecimento, bem como orientar-lhes sobre os propósitos didáticos que se estendem, sobretudo, ao pós-visita, correlacionados aos

conteúdos curriculares. Os museus, de sua parte, precisam conhecer as expectativas das escolas que os visitam.

2.7 Relação museu comunidade

Por muitos séculos, os museus foram criados e mantidos “pela realeza, pelo clero, pela nobreza ou pela burguesia, de acordo com seu padrão de gosto e em razão de suas necessidades” (BARRETTO, 2002a, p.62).

Dessa forma, eram instituições “guardiãs de tesouros da classe dominante, principalmente obras de arte e objetos exóticos obtidos nos saques de guerra ou nas viagens de conquistas” (BARRETTO, 2002b, p.62), onde essas coleções expostas, um verdadeiro amontoado de peças valiosas, marcadas pelo gosto eclético, guardadas em prédios fechados ou em castelos, representavam a simbologia de bravura, poder e riqueza dos seus donos.

Assim, era cultuado o valor monetário do patrimônio adquirido e o seu significado em detrimento da transmissão do conhecimento, da educação e do saber. Por isso, nas exposições não havia preocupação com a comunicação e a educação, inexistindo textos explicativos e etiquetas informativas alusivos aos objetos exibidos, pois se presumia que os visitantes convidados eram conhecedores dos temas expostos. Esses espaços constituíam-se em uma sala de curiosidades, que serviam para deleite e contemplação de uma elite culta e dominante.

O acesso a estes museus era restrito a um seleto grupo de eleitos, considerados experts nos temas tratados nas coleções mostradas, conforme ressalta Barretto (2002c, p.64):

“No século XVII, somente viajantes distintos e cientistas podiam apreciar as coleções e os jardins botânicos dos príncipes europeus. A partir de 1700, a Galeria Imperial de Viena, o Palácio Quirinal de Roma e o Escorial da Espanha permitiram a entrada de público mediante o pagamento de uma taxa, e a Galeria da Corte de Dresden (atual Alemanha) facilitou as visitas a partir de 1746. O Asmolean, na Inglaterra, considerado museu público, permitia a entrada de especialistas, estudiosos e estudantes universitários, e os museus que dependiam da Igreja só permitiam a entrada de convidados especiais, artistas e elite governante.”

A inauguração do Museu do Louvre, em Paris, no final do século XVIII, representa um grande marco na história da interlocução entre os museus e a comunidade, por ser o primeiro a abrir suas portas ao grande público, com acesso gratuito.

Muito embora, vale ressaltar, tal atitude tenha sido adotada não por visar exclusivamente à educação da população, e sim para atender à disseminação dos “valores burgueses pós-revolução” (BARRETTO, 2002d, p.64), tendo em vista que seu acervo inicial, coletado desde o século XVI, é composto por coleções das famílias reais e por bens eclesiásticos que passaram a ser administrados e sustentados pelo Estado, após a Revolução Francesa.

2.8 Importância do museu na conservação dos acervos

Os museus exercem um significado extremamente relevante. Muitos pensam que eles são apenas um caminho em direção ao passado, quando na verdade são muito mais que isso. É um lugar de conexão entre passado, presente e futuro, pois olhar o passado, é conhecer o que foi feito para

aprimorar mecanismos que podem influenciar o presente, para que novos conhecimentos e técnicas sejam disponibilizadas para a sustentabilidade e informações das futuras gerações.

A conservação dos acervos dos museus é importante porque garante a preservação da história e da cultura de uma região para as gerações futuras. Além disso, a conservação adequada dos objetos expostos evita danos e perda de valor histórico e cultural.

2.9 Impacto do museu na economia local

A dinâmica econômica de uma região baseia-se em fluxos internos e externos com outras regiões, assentes na produção e transação (importação e exportação) de bens e serviços, que vão ao encontro das necessidades básicas e de bem-estar da população. Não são apenas as empresas produtoras de bens materiais que contribuem para essa dinâmica econômica, mas também as instituições, públicas e privadas, que fornecem serviços nas diferentes áreas, desde a saúde e a solidariedade, ao setor bancário e ao comércio, passando pela educação e pela cultura.

O museu é, também, uma instituição aberta ao público, sendo, como tal, uma instituição prestadora de serviços com uma vertente econômica ativa, quer em recursos humanos, quer em recursos financeiros e, portanto, geradora de fluxo econômico (Junior e Colnago 2010; Reis, 2010).

O museu é, antes de mais, uma instituição empregadora, criando, no cumprimento das suas funções, postos de trabalho diretos que, nalguns casos, chegam às centenas. Como instituição “aberta ao público” (Lei N.º 47/2004), o museu precisa de funcionários que assegurem o acolhimento e apoio dos visitantes, o que por vezes se limita à receção, mas que em muitos casos passa também pela disponibilização de guias e vigilantes.

Muitos museus possuem outras valências acessíveis ao público, que necessitam igualmente de recursos humanos para assegurarem o seu funcionamento, como o bar e o restaurante, a loja ou a biblioteca, o auditório ou o teatro. Estes espaços requerem, nalguns casos, funcionários especializados. Há ainda o pessoal de limpeza e segurança que, não raras vezes, faz parte do quadro de pessoal do próprio museu. Por vezes, possui também profissionais para funções específicas, como são exemplo os jardineiros para manutenção do parque.

Como instituição que “adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais e imateriais do homem” (ICOM), o museu precisa de técnicos especializados para desenvolver todo esse trabalho científico e técnico em volta da sua coleção. Como tal, este leque de recursos humanos pode incluir desde os especialistas científicos, que podem ser vários de acordo com a variedade das suas coleções, aos técnicos de museografia. A existência de laboratórios de conservação e restauro, que, com frequência, fornecem serviços a outras instituições, obriga à contratação destes profissionais.

Mas a atividade do museu tem também em vista a educação, obrigando à existência de uma equipa que enquadre os serviços educativos. Por fim, toda esta estrutura tem uma orgânica que apoia a direção, tratando de questões como o marketing, a contabilidade ou o secretariado, obrigando ao alargamento da variedade do quadro de pessoal. Os museus acolhem, ainda, estágios e recorrem a trabalho temporário para suprir as suas necessidades. De acordo com o Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos Britânico, calcula-se que os museus do Reino Unido sejam responsáveis, de forma direta ou indireta, por um valor entre cerca de 24 mil e 32 mil postos de trabalho (Reis 2010).

Mas a ação direta do museu na economia de uma região vai para além da sua função empregadora. O museu é um consumidor de bens e serviços, consumo que pode contribuir de forma importante para o crescimento da economia (Seaman 2003, 224). O museu é, em muitos casos, um contribuinte fiscal e, como tal, potencia o pagamento de impostos ao Estado e às regiões (Reis

2010, 118), embora em muitos países, incluindo Portugal, tenham um enquadramento legal que os isenta deste encargo.

Como instituição ativa, o museu necessita constantemente de adquirir bens, desde a energia elétrica e água potável, aos materiais de apoio aos visitantes, ao serviço administrativo, à conservação e restauro das coleções ou para divulgação da sua atividade. Se o museu possui outras valências, como bar, restaurante e loja, então essa aquisição é ainda mais frequente para reposição dos stocks.

Toda a atividade direta do museu possui consequências que se traduzem num impacto indireto sobre os fluxos da economia regional, animando sua dinâmica. Em primeiro lugar, ao promover-se o museu está a promover a sua região de implantação, contribuindo para a dinâmica do turismo cultural (Junior e Colnago 2010).

Os museus são de vital importância pois impulsionam o turismo cultural, atraem visitantes de todo o mundo que estão interessados em explorar a riqueza cultural. Estes visitantes contribuem para a economia local, gastando dinheiro em hospedagem, alimentação e transporte. Além disso, os museus muitas vezes são localizados em área histórica ou cidades o que estimula ainda mais o turismo e o desenvolvimento sustentável, HALL(2002).

2.10 Tipos de museus

Os museus são instituições vocacionadas para a preservação e divulgação do património cultural, predominantemente na sua vertente móvel (objetos) mas que comporta ainda a vertente imaterial e todo o contexto associado à existência e funcionalidade dos mesmos.

De acordo com a sua definição universal:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.”

Existe uma grande diversidade de museus, os quais podemos agrupar nas seguintes tipologias principais:

- Museus arqueológicos/ etnográficos.
- Museus históricos.
- Museus de ciências naturais.
- Museus de ciência e tecnologia.
- Museus de arte.
- Museus de arte popular.

- Museus de arte sacra.

2.11 O papel dos museus e universidades na promoção e divulgação da cultura

A apropriação do museu pela comunidade acadêmica amplia a visão de mundo de futuros profissionais que, ao especializarem-se na universidade, encontram no museu um espaço para a realização de outras experiências de formação (PASQUALUCCI, 2020). O museu e a universidade são espaços socialmente constituídos, e a extensão do território curricular da universidade para os museus pode garantir a relação entre seres humanos, conhecimento acadêmico e objetos culturalmente reconhecidos.

Ao considerar o museu um espaço interdisciplinar em que se organizam pautas artísticas, históricas, científicas e conteúdos curriculares, a universidade aproxima-se ainda mais de uma importante função: a de preparar a comunidade acadêmica para uma atuação consciente em sociedade. Uma política universitária de acesso à cultura voltada aos alunos, que representam a nova geração de profissionais, possibilita pensarmos que a parceria entre universidade e museu prevê a formação cultural (ADORNO, 1996) da sociedade.

A formação cultural da comunidade acadêmica proveniente da relação interinstitucional e interdisciplinar entre universidade e museu permite que se perceba o patrimônio não como um conjunto de bens e sentidos definidos, mas, sim, um processo social. No museu, a cultura está relacionada às práticas institucionais. No diálogo com a universidade, seu caráter processual torna-se ainda mais evidente na medida em que a dimensão comunicativa dos seus conteúdos se articula ao currículo, acentuando a cultura mais como um elemento voltado à compreensão e à reprodução ou à transformação da sociedade, e menos como uma estrutura definitiva.

2.12 A importância dos museus para a formação pessoal e profissional.

Para os universitários, a importância do museu para a formação pessoal e profissional dá-se:

- por despertar o interesse para coisas diversas;

- porque a arte apresenta referências sobre a contemporaneidade e a história;
- por permitir saber coisas sobre si mesmo;
- por ofertar conhecimentos gerais;
- por estabelecer relações entre diversas áreas e acontecimentos;
- por associar diferentes fenômenos.

2.13 1.13. Museus em Angola e sua importância na divulgação da História Angolana

A história dos museus em Angola remonta praticamente à segunda década do Século XX, quando se iniciaram pesquisas de carácter étnico e cultural, dirigidas pelo etnólogo José Redinha e que culminaram na abertura do Museu do Dundo, em 1936. Foi o primeiro museu de Angola, cuja propriedade era da Companhia de Diamantes de Angola, DIAMANG, a antecessora da ENDIAMA.

Nessa altura, já estavam em curso outras pesquisas um pouco por toda Angola. Fruto desse aturado trabalho foi criado em 1938 o Museu de Angola pela portaria n.º 6 assinada pelo antigo ministro do Ultramar de Portugal, Francisco José Vieira Machado, ao tempo em que Angola era colónia lusitana. A criação do Museu de Angola é obra para a qual concorreu o esforço de muita gente. Porém, uma pessoa que mais se bateu para a sua fundação foi António Correia de Freitas, então diretor do jornal “A Província de Angola”.

Devotado animador das artes e de artistas, chegou a transformar o seu gabinete de trabalho em centro de passagem e de reunião de indivíduos pensantes e intelectuais da Luanda da década de 1930 e de 1940. Missionário culto e insigne, além de diligente agente da vida cultural cidadina, Monsenhor Manuel Alves da Cunha foi indicado para presidir a comissão instaladora do museu ora criado.

O prelado tinha então uma das mais importantes coleções e documentos que acabaram sendo os primeiros materiais museográficos da instituição acabada de criar. Outra figura cujo contributo foi determinante para a edificação do museu foi o historiador Alberto Jorge Ferreira de Lima, autor de várias obras de carácter histórico sobre Angola, destacando-se entre as mesmas uma História de Angola em dois volumes, editada

em 1932. Instalado na Fortaleza de São Miguel, o Museu de Angola teve como primeiro conservador o capitão João Correia e a sua fase inicial foi essencialmente de organização e projeção, para o que concorreram notáveis entidades da urbe luandense. Inicialmente, o Museu de Angola estava dividido nas secções de Etnografia, História, Zoologia, Botânica, Geologia, Economia e Arte. Por ocasião da sua fundação, foram-lhe apensos uma biblioteca e o arquivo histórico colonial, de que é sucedâneo o Arquivo Histórico Nacional.

Depois dos 11 de Novembro de 1975 foram criados alguns museus com o objetivo de resgatar os valores culturais nativos, aproveitando muito da estrutura e do acervo herdado colonial. A maior parte dos museus estão sob controlo do Ministério da Cultura, havendo outros sob tutela de distintas entidades, como são os casos, por exemplo, do Museu do Café e Museu das Telecomunicações, respectivamente adstritos aos Ministérios da Agricultura e das Telecomunicações.

Preocupados com a conservação e preservação do património cultural do povo Angolano, a Lei nº 44/11 de 7 de Março, no Artigos n.º 4 o define as atribuições dos museus devem cumprir no exercício de suas atividades como: recolher, inventariar, classificar, preservar, investigar, expor e divulgar o património histórico – Cultural móvel; expor ao público o resultado das suas investigação para fins educativos, formativos e informativos; estabelecer relações com outras instituição congêneres para trocar de experiências e melhor circulação da informação científico-cultural; valorizar a cultura da sua zona de ação para a consciencialização da sociedade, com vista a proteção da sua identidade cultural; assegurar e promover a preservação do meio ambiente; divulgar o acervo cultural sob a sua alçada, constituído por coleções paleontológicas, etnográficas, históricas, arqueológicas, antropológicas, zoológicas, botânicas, geológicas, artísticas, bibliográficas, tecnológicas, filatélicas, numismáticas entre outras. Angola atualmente conta com 16 museus públicos dos quais 9 são nacionais, 4 são regionais, 3 são locais. Conforme constatado na tabela a seguir:

| Museus públicos de Angola | Local | Classificação |
|----------------------------------|--------------|----------------------|
| Museu de Arquitetura | Benguela | Nacional |

| | | |
|---|-----------------|----------|
| Museu de Cabinda | Cabinda | Regional |
| Museu Etnográfico | Dundo | Nacional |
| Museu do Planalto Central | Huambo | Regional |
| Museu de Etnografia Do Lobito | Lobito | Regional |
| Museu da Antropologia | Luanda | Nacional |
| Museu da Escravatura | Luanda | Nacional |
| Museu da Forças Aéreas Nacional | Luanda | Nacional |
| Museu da Moeda | Luanda | Nacional |
| Museu de Geologia, Paleontologia, Mineralogia. | Luanda | Local |
| Museu de História Militar | Luanda | Nacional |
| Museu de História Natural | Luanda | Nacional |
| Museu do Café | Luanda | Local |
| Museu da Huíla | Lubango | Regional |
| Museu dos Reis Do Congo | Mbanza Congo | Nacional |
| Museu da Pesca | Namibe | Local |

Tabela 1. Museus em Angola

A importância dos museus em Angola transcende o seu valor cultural, apesar de serem instituições integradas numa lógica de promoção da cultura e num desejo de preservar a memória histórica dos povos. São através dos museus que as novas gerações tomam conhecimentos sobre os hábitos, costumes e outros aspectos culturais dos seus antepassados.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Preliminares da investigação

A investigação normalmente é precedida de aspectos preliminares que situam o leitor sobre os passos iniciais dados. A quando do término do plano curricular, em sintonia com a administração municipal do Tchinjenje e o Reino de Tchiyaka, motivado por abordar o tema em estudo, deu-se início aos primeiros contactos que permitiu a elaboração do anteprojecto, bem como a pesquisa bibliográfica que iriam sustentar o projecto, consequentemente a elaboração dos objectivos que nortearam a trabalho.

3.2 Tipo de Investigação

Esta investigação é essencialmente descritiva, consistindo na descrição ou análise de dados colectados por intermédio da aplicação de questionário. Segundo Alves (2007) a pesquisa descritiva é usada na educação e nas ciências sociais e baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objectiva e minuciosa, da análise e da descrição. Optou-se pelo *design* descritivo de natureza quantitativa.

A recolha de dados foi feita com base em questionários adaptados tendo em conta os objectivos preconizados e o mesmo foi elaborado pelo autor.

De acordo com Gil (2008) o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato. Os mesmo foram dirigidos aos cidadãos daquela circunscrição, contando com 08 questões.

3.3 Caracterização do Reino de Tchiyaka

Fundado em 1650, isto é, no século XVII, está situado na comuna de Chiaca, município do Tchinjenje, Província do Huambo.

Teve como primeiros soberanos, Tchilunlu Vanguévangué, Kapongo I, Ukalongongo I, Luanjambombe I.

Segundo o depoimento do Soberano, a sucessão ao trono é feita de 4 em 4 anos de ambas as partes, todas pertencentes a Tchilunlu e Tchanja I.

O Reino está constituído por uma corte de 38 elementos, dignos representantes do Rei, cada um com as suas funções.

O Reino está delimitado geograficamente assim:

A Norte (N) pelo município de Londuimbali, Oeste (W) pela Província de Benguela.

A Este (E) pelo Município do Ekunha, a Sul (S) pelo Município de Kalukembe.

O Reino tem a agricultura como principal fonte de sustento, além de contar também com a caça e pesca.

Cultiva-se o milho, a mandioca, a batata entre outros produtos agrícolas.

As principais actividades culturais são realizadas na Ombala Yekumba.

É também um dos principais Reino do país.

3.4 População e Amostra

População é uma colecção de unidades individuais, que podem ser pessoas, animais, resultados experimentais, com uma ou mais características comuns, que se pretendem analisar (Brandão, 2010).

A população é de aproximadamente 42 mil habitantes dos mais variados extratos sociais, como professores, camponeses e domésticas do município do Tchinjenje.

3.5 Amostra

A Amostra é uma parcela da uma população seleccionada para fins de análise (Monteiro 2012, P. 4 Citando Levine *et all.*, 2008).

A amostragem é do tipo não probabilística obedecendo os critérios de selecção aleatória simples.

Para este trabalho foram seleccionados 20 pessoas, conforme ilustram as tabelas abaixo.

3.6 2.6. Tabela 1. Caracterização da amostra.

| Faixa etária | Homens | Mulheres | Amostra | Percentagem |
|--------------|-----------|----------|-----------|-------------|
| 18 - 32 | 1 | 2 | 3 | 15 |
| 32 - 40 | 4 | 1 | 5 | 25 |
| 40 - 50 | 2 | 3 | 5 | 25 |
| 50-55 | 3 | 1 | 4 | 20 |
| 55 - 65 | 2 | 1 | 3 | 15 |
| | | | | |
| Total | 12 | 8 | 20 | 100 |

Tabela 2. Caracterização da amostra

A tabela 1, mostra os dados por faixa etária, género e o número da população inquerida, onde dos 18 a 32, temos 1 homem, duas mulheres que correspondem a 15%, dos 32 a 40, inquerimos 5 pessoas que correspondem a 25%, com 4 homens e 1 mulher, 40 -50 foram inqueridos 5 pessoas, dos quais 3 mulheres e 2 homens, correspondendo a 25%, também dos 50 a 55, foram 4 pessoas, dos quais 3 homens e 1 mulher, fazendo 20%, finalmente 55 dos 65 foram inqueridos 3 pessoas, num total de 15%.

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Análise, interpretação e discussão dos resultados corresponde à parte mais importante do trabalho científico. É aqui que são transcritos os resultados, agora sob forma de evidências para a confirmação ou a refutação das hipóteses que foram formuladas. Estas se dão segundo a relevância dos dados, demonstrados na parte anterior (Lakatos e Marconi, 2010). Em seguida apresentou-se, interpretação e discussão dos resultados colhidos mediante o inquérito por questionário aplicado aos cidadãos da comuna da Tchiyaka e no município sede do Tchinjenje.

1. Tabela 2, questão 1: Já ouviu falar de um museu?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|------------|------------------|------------------|
| Sim | 13 | 65 |
| Não | 7 | 35 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 3. Questão 1

Na primeira questão podemos observar que 65% têm domínio do assunto, outros 35% responderam negativamente.

Tabela 3, questão 2: Sabe o que é um museu?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|------------|------------------|------------------|
| Sim | 10 | 50 |
| Não | 10 | 50 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 4. Questão 2.

Nesta questão, a população inquerida, 50% sabe o que é um museu, enquanto que o restante 50% permanece numa incógnita.

2. Tabela 4, questão 3: O que acha da ideia de implementar um museu no Reino de Tchiyaka?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|------------|------------------|------------------|
| Boa | 18 | 90 |
| Ruim | 0 | 0 |
| Não sei | 2 | 10 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 5. Questão 3.

Aqui pode-se perceber que 90% acham positiva a implementação de um museu no Reino como melhoria da salvaguarda da cultura e grandeza do Reino. Outrossim, devido a falta de conhecimento de alguns inqueridos, 10% não fazem ideia sobre a importância de um museu na localidade.

3. Tabela 5, questão 4: Sabe qual é a importância de um museu?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|-------------------|-------------------------|-------------------------|
| Sim | 8 | 40 |
| Não | 12 | 60 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 6. Questão 4.

Neste inquérito notou-se um equilíbrio, mostrando mais uma vez a necessidade da criação de um museu em defesa da temática em estudo.

4. Tabela 6, questão 5: Sabe a localização do Reino da Tchiyaka?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|-------------------|-------------------------|-------------------------|
| Sim | 16 | 80 |
| Não | 4 | 20 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 7. Questão 5.

5. Tabela 7, questão 6: Que importância tem os museus para a preservação da cultura?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|-------------------|-------------------------|-------------------------|
| Muita | 12 | 65 |
| Nenhuma | 8 | 35 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 8. Questão 6.

6. Tabela 8, questão 7: Acha que a criação de um museu no Reino da Tchiyaka, ajuda no fomento da economia?

| Frequência | Nº de Inqueridos | Valor percentual |
|-------------------|-------------------------|-------------------------|
| Sim | 14 | 70 |
| Não | 6 | 30 |
| Total | 20 | 100 |

Tabela 9. Questão 7.

As últimas três tabelas mostram um grau de conhecimento aceitável por parte dos inqueridos, onde de acordo com os valores percentuais, se pode perceber que é importante que se crie, um museu para se alavancar a cultura no Reino de Tchiyaka.

5 PROPOSTA DE SOLUÇÃO

De acordo os dados apresentados, levando em conta a pesquisa feita, propõem-se o seguinte:

Que o ISP- CAÁLA, continue a promover a temática sobre a importância de um museu para o desenvolvimento da cultura nacional.

Que o Departamento de Ciências Sociais, em particular o Curso de História continue a incentivar os futuros estudantes sobre a mesma temática.

A Direcção Municipal do Tchinnenje, em particular o Reino de Tchyaka, que continuem a abraçar a iniciativa investigativa sobre a existência de um museu dada a grandeza do Reino de Tchiyaka.

6 CONCLUSÕES

A abordagem teórica e metodológica e tendo como base o problema e objectivo geral da investigação permitiu chegar às seguintes conclusões:

Teoricamente, os museus desempenham um papel muito importante nos mais diversos factores da vida social, desde a economia, educação e conservação da própria.

As bibliografias consultadas também espelharam como os museus contribuem para o enriquecimento do individuo, para a universidade, entre outros factores.

O inquérito feito mostrou que mais de 60% da população encara com agrado e satisfação a construção de um museu para o Reino de Tchiyaka com mais de 300 anos de existência.

Poucos conhecem a sua história, porque é menos difundida no mundo académico.

Então procedimentos metodológicos para a criação de museu são na verdade factores de acordo a pesquisa muito importantes para alavancar a cultura da Tchiyaka e além fronteiras, porque tal feito, pode ajudar não só na cultura local, como vai servir para alavancar a economia, conservar os acervos, entre outros benefícios que a mesma produz.

Os museus desempenham um papel vital na preservação e divulgação da história, cultura e arte. Eles são espaços onde as pessoas podem se conectar com o passado, explorar diferentes perspectivas e expandir seus horizontes. A importância dos museus é multifacetada e abrange várias áreas.

Os museus são guardiães do património cultural. Colectam, preservam e protegem objectos valiosos e artefacto que contam a história das civilizações passadas. Através destas coleções, as gerações presentes, e futuras podem aprender sobre suas origens, tradições e realizações.

Os museus também permitem que artefacto, como os encontrados no Reino de Tchiyaka sejam preservados e apreciados por muitos anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agencia Angola Express – ANGOP. (23 agosto de 2015 | 17h11). Museus fundamentais na transmissão de conhecimentos sobre as comunidades diretor Nacional dos Museus Dr. Ziva Domingos. Lazer e Cultura: por Venceslau Mateus.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. In: Bittencourt Circe. O saber histórico na sala de aula. . 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Almeida, E. D. (2010). Uma releitura das Cartas de Atenas. Integração. São Paulo, Ano XVI, (60), 5-14. Recuperado de: http://usjt.br/pub/revint/5_60.pdf.

Alves, K. (2015). A produção de conhecimento nos museus e os processos curatoriais. Recuperado de: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/10/AulaPesqCuradoria-SISEM2015.pdf>

Alves, M. (2007). *Como Escrever Tese e Monografia: Um Roteiro Passo a Passo*, Ed. Campus., São Paulo;

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). A Memória do pensamento museológico contemporâneo: Documentos e Depoimentos. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, 45p.

BARRETO, A. A. Uma quase história da Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, abr. 2008. Disponível em : <http://dgz.org.br/ago07/Ind_com.htm>. Acesso em: 28 ago. 2011.

Barros, S. R. (2001). Matrimônio e patrimônio. Revista Brasileira de Direito de Família, 11. Recuperado de: <http://www.srbarros.com.br/pt/matrimonio-e-patrimonio.cont>. Acesso em: Outubro. 2017.

CARLAN, Claudio Umpierre. Moeda e Poder em Roma: um mundo em transformação. Campinas, 2007. Tese de Doutorado em História Cultural. IFCH, UNICAMP, p. 26.

CARVALHO, Margarida Maria de. LOPES, Maria Aparecida. FRANÇA, Susani Silveira Lemos (org.) *As Cidades no Tempo*. Franca: UNESP / Olho d'Água, 2005, 323 p.

CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. In: *Cadernos de Sociomuseologia*. Centro de Estudos de Sociomuseologia, n. 13, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1998.

CHAGAS, Mário. *Museália*. Rio de Janeiro: J C Editora, 1996, 186 p. CHAGAS, Mario de Souza. GODOY, Solange de Sampaio. *Tradição e Ruptura no Museu Histórico Nacional*. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, volume 27, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1995, 158 p.

COELHO, Erica Andreza. *A relação entre Museu e escola*. 2009

COSTA, Lygia Martins. *De Museologia Arte e Políticas de Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2002, 388 p.
FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia e Patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007, 168 p.

Flores, A. Q., e Boch, M. (2010). *Public Policy And Cultural Heritage The History Rescue And Assertion Of People Identity: Case Study In Touristic Cities Of Serra Gaúcha: South Brazil*.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu e PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2006, 77 p. HOBBSAWN, E.J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 270 p.

GIL, A. C. (2008). *Como elaborar projectos de pesquisa*. 4. Ed. S. P.: Atlas,

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro: Fundação CESGRANRIO, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. A identidade na pós modernidade. 2004.

ICOM – International Council of Museums. **Museum definition – 1974**. In: Development of the museum definition according to ICOM Statutes (1946 – 2001). Disponível em:<http://icom.museum/hist_def_eng.html>. Acesso em: 12 mar. 2009.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: CADERNO de diretrizes museológicas. 1. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. 2o. Edição.

JUNIOR, Jayme Spinelli. **Conservação de acervos bibliográficos e documentais**. Fundação da Biblioteca Nacional – Departamento de Processos Técnicos. Rio de Janeiro, 1997.

LOPES, Maria Margaret. Museus e Educação na América Latina: O modelo Parisiense e os Vínculos com as Universidades. In: GOUVEIA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina, FEIO Maria. Educação e Museu: A Construção do Caráter Educativo dos Museus de ciência. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 63-82.

Marconi, M. A. e LAKATOS E. M. (2002). *Metodologia de investigação científica*, 4a edição, Ed. Atlas S.A., São Paulo.

Minayo, M. C. (2002). Pesquisa social: teoria e método. Petrópolis: vozes. Recuperado de:http://asc.es.edu.br/cursos/downloads_18_03_2016_15_27_fb2079d3ca27db5d640828cbe2e1595e.pdf

ORÍ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe (Org). O saber histórico na sala de aula. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SUANO, Marlene. O que é Museu. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SUETÔNIO. Vida de los doce césares. Obra completa, Madrid: Editorial Gredos, 1991.

UNESCO, 1993. *Establishment of a system of “living cultural properties” (living human treasures) at Unesco*, adopted by the Executive Board of UNESCO at its 142nd session (Paris, 10 de dezembro de 1993). Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0009/000958/095831eo.pdf>

7 APÊNDICE



Figura 1. Representantes da Corte do Reino de Tchiyaka



Figura 2. Local de Reuniã(Ondjango) no Reino de Tchiyaka



Figura 3. Soberano do Reino de Tchiyaka



Figura 4. Membros do Conselho do Reino de Tchiyaka